va a estudar la dualidad (más conocida) del discurso sexual: hetero y homosexual, concluyendo que la proposición de Puig se encamina hacia una «perversidad polimórfica», para emplear la terminología de Freud. En el tercer capítulo, «El discurso de lo fantástico en *Pubis angelical*», el crítico nos propone una lectura de lo fantástico y de lo maravilloso como subversión de todas las interpretaciones hasta el momento presentadas en esas dos categorías. En el último capítulo, «El discurso del poder judeocristiano en *Sangre de amor correspondido*», el autor cubano nos demuestra cómo es posible una relación entre «el libro de la vida y el libro sagrado», proponiéndonos una desconstrucción de la figura paterna (elemento fundamental de una sociedad articulada en términos de Dios, patria y familia). Desconstruyendo esas columnas de lo imaginario judeocristiano, Puig, interpretado por Muñoz, nos presenta un discurso utópico de la sexualidad. Mejor utópico, con una posible realización, que totalmente prohibido, como ese discurso estuvo hace algunos años (y quizás hasta nuestros días en un cierto sentido).

El libro de Elías Miguel Muñoz nos remite a la manera más saludable en que la crítica especializada enfrenta la lectura: no sólo nos propone volver a escuchar la voz de Puig con otros oídos, sino que también nos demuestra que es posible una crítica inteligente y «scriptible». El «escrito sobre un cuerpo» (de Puig), por Muñoz, nos despierta para escribir otros palimpsestos...: es la crítica como revelación y creatividad.

FRANCISCO CAETANO LOPES JÚNIOR

University of Pittsburgh.

FRANCISCO JAVIER ORDIZ: *El mito en la obra narrativa de Carlos Fuentes*. León: Servicio de Publicaciones de la Universidad de León, 1987.

Escrever, nos dias de hoje, sobre a obra de Carlos Fuentes e, mais especificamente ainda, sobre as implicações míticas em seu trabalho, parece-nos uma empresa arriscada. Por quê? Em primeiro lugar, o romancista mexicano, depois do chamado *boom* principalmente, tem sido um dos mais estudados em todas as plagas desse nosso universo; a seguir, a questão mítica, por sua parte também, representa uma tópica das mais pesquisadas nos últimos tempos (com ênfase fundamentalmente na década de 70), por fim, a junção desses dois elementos num binômio poderia parecer-se a «café requeentado ou pão adormecido». No entanto, o estudo do professor Ordiz nos diz exatamente (e com muita felicidade para nós, seus leitores) o contrário. É preciso, por vezes, insistir em temas e autores por demais decantados, para que se possa descobrir uma nova luz, uma nova perspectiva. O caso do professor espanhol, nesse sentido, é exemplar. Em quê medida? Vejamos, pois.

Partindo de toda a obra ficcional de Carlos Fuentes, Ordiz vai pesquisar os muitos elementos que compõem a «armadura» dessa categoria filosófico-antropológica. Seu ponto de partida é a novelística latino-americana geral até aprofundar-se (e como) na especificidade de Fuentes. Das estruturas míticas, passando pela configuração do herói, pela atmosfera, sem descuidar das referências míticas e mitológicas, até chegar ao mito moderno, o estudioso espanhol vai incorporando, no seu percurso, todos os elementos capazes de nos demonstrar, de forma clara e erudita, os vários meandros que são percorridos pelo imaginário mitopoético da obra de Fuentes. Acrescente-se ainda a bem elaborada bibliografia, que, sem sombra de dúvida, servirá de marco fundamental para muitos (senão todos) estudiosos não só

da obra do escritor mexicano como também da categoria «mito». Um trabalho bem feito, nada deixando a desejar àqueles produzidos em centros hegemônicos excessivamente sofisticados e pós-industriais.

Na parte final do seu estudo, Ordiz nos chama a atenção para elementos capitais da obra de Carlos Fuentes. Nessa medida, a problematização da identidade mexicana (e, num escopo mais amplo, latinoamericana), a questão do leitor e da redefinição da subjetividade (entre muitas outras, porque seria desnecessário enumerá-las, já que o autor o faz de maneira magistral, porque integrada à sua linha de raciocínio) são revisitadas como para nos dar conta de toda a (grande) complexidade desse universo ficcional. Mais ainda, a leitura empreendida não está «centrada» numa unidimensionalidade escritural, assente na base de poder da voz autoral, mas, muito pelo contrário, deixa-nos espaço suficiente para que possamos acrescentar a nossa própria voz. Nessa medida, mimeticamente, Ordiz «reproduz» Fuentes, numa jogada de vida e de morte, na qual quem sai ganhando, indiscutivelmente, somos nós, seus leitores atentos. No imaginário do consumidor especializado, o professor Ordiz articular algumas (nossas) referências mitológicas (pré-hispânica, grega, judaico-cristã, mexicana) a fim de nos oferecer o fio de Ariadne que nos conduza por um labirinto não tão (des)conhecido. Labirinto este protetor e castrador, aliás, como soem ser todos os super-egos.

FRANCISCO CAETANO LOPES JÚNIOR

University of Pittsburgh.

ROBERTO VENTURA: *Escritores, escravos e mestiços em um país tropical*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1987.

O presente livro do professor Roberto Ventura tem como subtítulo: «Literatura, historiografia e ensaísmo no Brasil», o que nos dá conta imediatamente do seu intuito: fazer um levantamento de um determinado momento da história das idéias no Brasil do século XIX (a partir de 1870) até o Modernismo, sem deixar de considerar, no entanto, obras mais recentes, como é o caso do romance *Maíra* do antropólogo-escritor brasileiro Darcy Ribeiro. Originalmente, o presente trabalho serviu como «tese de doutorado em Línguas e Literaturas Românicas na Universidade de Bochum» (p. IX), mostrando-nos que a produção acadêmico-universitária dos últimos tempos tem-se realizado de forma fecunda, senão fundamental, para a compreensão de um «país tropical», apelidado de Brasil. A universidade, assim, tornou-se o local privilegiado por excelência onde se pode estudar uma «história a contrapelo» (para utilizarmos a expressão tão cara a Walter Benjamin), produzindo um saber digno de nota e de respeito. Este é o caso, sem sombra de dúvidas, do presente livro de Ventura.

Ao estudar o movimento das idéias sobre o Brasil no que diz respeito à problemática racial, Ventura nos reconta a História de um país que sempre teve seus fatos recontados como estória para embalar os setores mais privilegiados desse mesmo país. Contando-nos a (nossa) História pelo seu viés, o jovem crítico brasileiro nos abre uma infinidade de veredas para que possamos repensar de uma maneira mais clara e menos comprometida, ideologicamente falando, os nossos mecanismos sociais, históricos e literários. Assim, o seu trabalho não nos é apresentado como uma fatura estanque da realidade brasileira, mas, muito pelo contrário, uma tentativa de articular discursos que dêem conta de (nosso) real. O seu estudo aponta ainda para